



Fig. 1: Pirogravatura sobre madeira feita, de Aldo Silva Arantes, em 1978, no Presídio Romão Gomes, em São Paulo.

EXPOSIÇÃO

QUANDO A ARTE ENFRENTOU A TORTURA. E DEVOLVEU O DESAFIO DA LIBERDADE

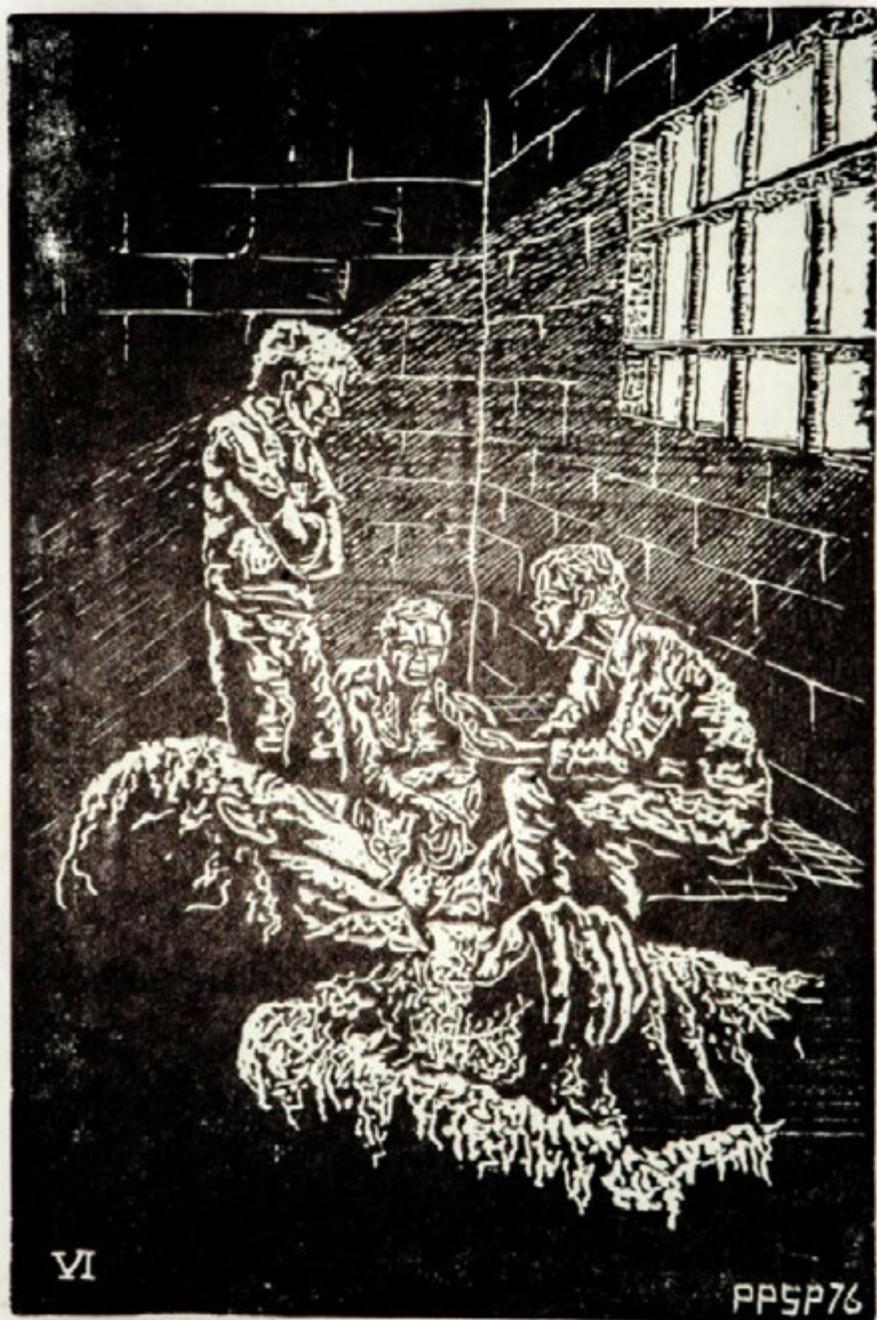
LEILA KIYOMURA
ABCA/SÃO PAULO

RESUMO: Pinturas e gravuras de presos políticos na ditadura feitas entre a violência da tortura estão na exposição *Imagem-Testemunho*, no Centro MariAntonia da USP. Com a curadoria de Priscila Arantes, reúne 41 das mais de 300 obras produzidas por homens e mulheres encarceradas nos presídios de São Paulo. Um acervo que foi cuidadosamente guardado pelo casal Alípio Freire e Rita Sipahi que hoje está sob a responsabilidade do Memorial da Resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Centro MariAntonia da USP; Imagem-Testemunho; presos políticos; ditadura; Memorial da Resistência

ABSTRACT: Paintings and engravings of political prisoners during the dictatorship made amidst the violence of torture are in the exhibition *Image-Testimony*, at USP's MariAntonia Center. Curated by Priscila Arantes, it brings together 41 of the more than 300 works produced by men and women incarcerated in prisons in São Paulo. Collection carefully guarded by the couple Alípio Freire and Rita Sipahi, which today is under the responsibility of the Memorial da Resistência.

KEYWORDS: USP MariAntonia Center; Image-Testimony; political prisoners; dictatorship; Memorial da Resistência



O silêncio de quem observa cada uma das 41 pinturas, gravuras e desenhos que compõem a exposição *Imagem-Testemunho: Experiências Artísticas de Presos Políticos na Ditadura Civil-Militar*, em cartaz no Centro MariAntonia da USP, atesta a importância de saber mais sobre a barbárie dos anos da ditadura. As histórias de tortura, violência e assassinatos contra mulheres, homens e crianças e os danos e violações aos direitos humanos trazem uma realidade que ainda atravessa o presente e ameaça o futuro. Uma história que está sendo revelada pela arte de presos políticos que conseguiram sobreviver, durante os anos 1970, nos presídios de São Paulo. Eles transformaram suas celas em ateliês. Nos presídios Tiradentes, Carandiru, Penitenciária Feminina, Hipódromo, Barro Branco e dentro do próprio Dops (Departamento de Ordem Política e Social), homens e mulheres pintavam, desenhavam, teciam roupas e transformavam a sua arte na liberdade de ser.

É essa expressão de resistência e coragem que está sendo exposta no Centro MariAntonia, em parceria com o Memorial da Resistência. A mostra tem a curadoria da professora, crítica de arte e vice-presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) Priscila Arantes. Está sendo realizada graças ao idealismo dos ex-presos políticos - o jornalista Alípio Freire e a advogada Rita Sipahi - responsáveis pela organização de um acervo com mais de 300 obras.

Fig. 2: Arthur Scavone, assinatura coletiva PPSP "Xilogravura, 1976, Presídio Político Barro Branco" - Divulgação.



Fig. 3: Manoel Cyrillo, “Grade”, 1972 - Divulgação

Para o diretor do Centro MariAntonia, José Lira, a exposição acontece em um momento oportuno. Um cotidiano de 2023 que vai além da política, com crimes letais, cruéis, em que até crianças são assassinadas.

“É imprescindível retornarmos ao testemunho dos que ousaram se levantar contra a tirania”, afirma Lira. “Pois sua voz, seu olhar, suas mãos, seus corpos, muitas vezes fustigados pelo aparato repressivo do regime, guardam tesouros da memória e da imaginação social.”

O público fica surpreso ao ver a criatividade dos artistas Aldo Arantes,



Fig. 4: Carlos Takaoka, Pássaro Amarelo, 1969 - Divulgação

Alípio Freire, Ângela Rocha, Artur Scavone, Carlos Takaoka, José Wilson, Manoel Cyrillo, Regis Andrade, Sérgio Ferro, Sérgio Sister, Rita Sipahi e Yoshiya Takaoka. Eles libertam seus sonhos, emoções entre as paisagens

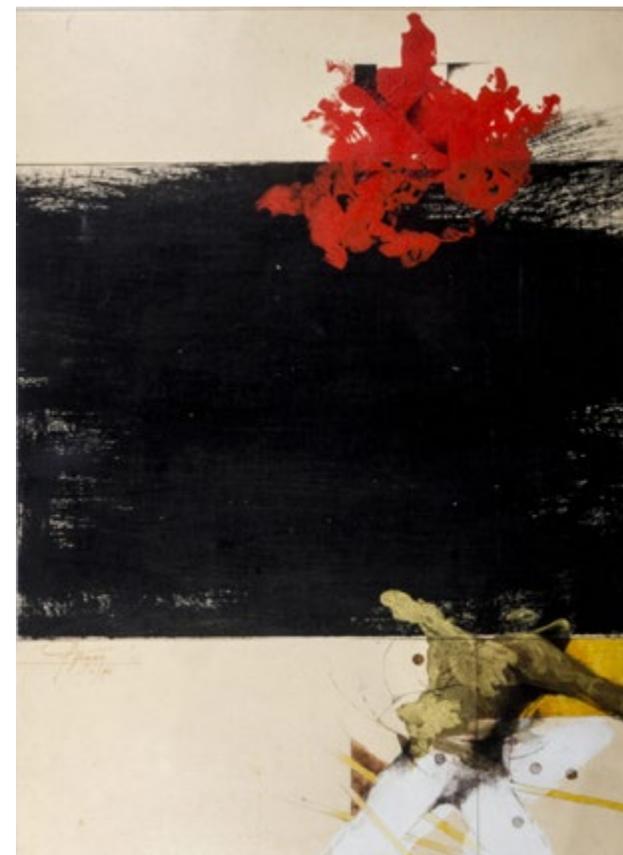


Fig. 5: Sérgio Ferro, sem Título, 1971 - Divulgação

do seu cotidiano nos presídios. As grades da cela, os guardas, os dias e noites povoam as pinturas, os desenhos. Uma arte que atravessa o espaço para reencontrar novos sonhos, novos desafios.



Fig. 6: A foto de Rita Sipahi nas gravuras de Alípio Freire - Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

RITA E ALÍPIO: UMA HISTÓRIA PARA SEMPRE

Rita Sipahi caminha pela exposição. Serena, elegante, 83 anos, sorri diante de uma parede com várias gravuras, em que é fonte de inspiração do artista e jornalista Alípio Freire. Observa uma foto sua, bem jovem, com os cabelos

compridos, e diz: “Conheci o Alípio no presídio, fiquei lá 11 meses e quando saí ele pediu para visitá-lo e começamos a nos corresponder. Ele me pediu uma foto. Eu enviei esta aqui”, diz apontando para a sua fotografia sobre a parede vermelha.

O artista fez várias versões da mesma imagem. Muito jovem e sempre bonita, Rita aparece em uma série de gravuras e desenhos Ela de costas, frente, com os cabelos nos ombros. Refletia, como ele mesmo definiu, o “indizível, o inefável”.



Fig. 7: Alípio Freire, Retrato de Rita, Carandiru, 1973 - Divulgação

Rita foi presa no Rio de Janeiro e deixou os filhos, Camila de 4 anos, e Paulo de 7 anos, sob os cuidados do irmão que morava em Recife. “Um dia, minha cunhada Laura, trouxe as crianças para me visitar no presídio. Eu queria muito ver os dois e consegui,

através de autorização na auditoria militar, uma licença para receber as crianças na torre. Procurei ajeitar o espaço da forma mais bonita e alegre que consegui. Lá eles desenharam, correram, brincaram. Mas não sei se funcionou, porque a Laura me disse que os dois voltaram para casa calados e ficavam sempre abraçados quando se sentiam inseguros.”

Rita tem uma filha, Maiana, com Alípio. “Sempre foi atencioso com as crianças. Quando Maiana fazia aniversário, ele cuidava de decorar o bolo e desenhar palhaços. Mas Alípio teve muitas complicações de saúde por conta das torturas que sofreu.

Alípio morreu em 22 de abril de 2021. Mas Rita continuou junto dele, cumprindo a sua orientação de organizar o acervo com as obras feitas pelos presos políticos, exatamente como pediu. Em maio de 2022, os trabalhos foram levados para a Pinacoteca do Estado de São Paulo. A administração do acervo ficou sob a responsabilidade do Memorial da Resistência. “É um legado para todos. Arte é liberdade e amor.”, diz a coordenadora Ana Pato.

PRISCILA ARANTES, UMA DAS CRIANÇAS QUE ENFRENTARAM A DITADURA...

Na curadoria da exposição, Priscila Arantes vai além da organização, reflexão e montagem de *Imagem - Testemunho* no espaço do Centro MariAntonia. Formada em Filosofia pela USP, crítica de arte e professora da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo, encontrou Rita e Alípio ainda quando era pequenina. Seus pais, também presos na ditadura, eram amigos do casal. Daí ter sido escolhida por Rita Sipahi para resgatar essa história, pois tinha certeza de que Alípio Freire também aprovaria, por admirar o seu trabalho sempre sensível -. “As pirotgravuras do meu pai, Aldo Silva Arantes, também estão na exposição e no acervo. Esta mostra mexe muito comigo. É também a minha história”, conta Priscila. “Certo dia, fomos tirados às pressas da avenida Itaquera e levados por meu tio Bruno, irmão da minha mãe, de carro, até Belo Horizonte, para a casa da minha avó materna. Não entendia ao certo por que estávamos indo para Belo Horizonte e muito menos o que de fato acontecera.

Mas sabia que era algo muito grave, e alguma coisa acontecera ao meu pai. Ele e minha mãe tinham combinado que, se o meu pai não voltasse de uma viagem em uma determinada época, é porque alguma coisa tinha ocorrido. E de fato ocorreu. Meu pai fora capturado em plena estação Paraíso do Metrô - nome engraçado - pelos militares, em dezembro de 1976.”

A história de Priscila e outras crianças que tiveram seus pais torturados e foram mortos na ditadura militar está no livro *Infância Roubada: Crianças Atingidas pela Ditadura Militar no Brasil*, editado pela Comissão de Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva. O livro está disponível na íntegra, gratuitamente, neste link.

https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20800_arquivo.pdf

Imagem-Testemunho: experiências artísticas de presos políticos na ditadura civil-militar.

De 28 de abril a 10 de dezembro de 2023 no Centro MariAntonia

Edifício Joaquim Nabuco, rua Maria Antônia, 258 - Vila Buarque - São Paulo, SP (próximo às estações Higienópolis e Santa Cecília do metrô);.

Até 10 de dezembro de 2023. De terça a domingo, e feriados, das 10 às 18 horas.

Entrada gratuita.

Informações | (11) 3123-5202

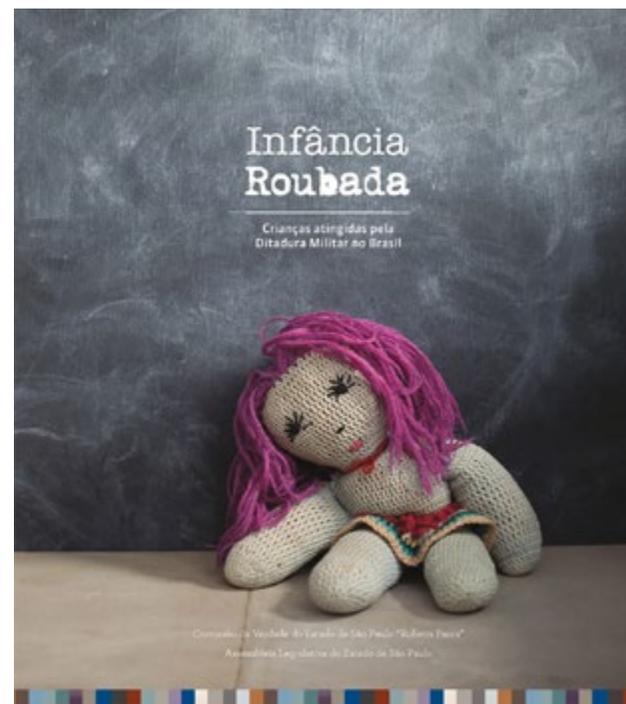


Fig. 8: Boneca feita por Rita Sipahi para sua filha Camila, também artista e designer, que ilustrou a capa do livro “Infância Roubada” com a arte da mãe. Foto: Reprodução, ALESP

LEILA KIYOMURA

Atua como jornalista da editoria de Cultura do Jornal da Universidade de São Paulo. Pós-graduada no Programa Interunidades da USP e curadora na Fundação Mokiti Okada nas mostras Tikashi Fukushima: Quando os ventos sopram cores (2018), O Japão nas fotos de Atílio Avancini e Joel La Laina (2019) e a Natureza de Evandro Carlos Jardim (2020). Escreveu os livros Claudio Tozzi (Edusp) e Ateliês dos Artistas Contemporâneos de São Paulo (Empresa das Artes) entre outros. Integra a Associação Brasileira de Críticos de Arte, Associação Internacional de Críticos de Arte. É editora da Revista Arte & Crítica, da ABCA.